

OS FUNERAIS DA POESIA

por FRANCISCO DE SOUSA NEVES

Não, não é imaginação! Isto aconteceu: os poetas saíram das suas torres de marfim para assistirem à celebração pública dos funerais da Poesia, de Orfeu desfigurado, morto de vergonha e maus tratos, jazendo na ampla sala das Belas-Artes de Lisboa, na noite de 26 para 27 de Janeiro de 1963. Uma a uma, as coroas de louros tornaram-se em coroas fúnebres. E aqueles de quem se poderia esperar ainda um gesto salvador, aqueles que podiam ressuscitar Orfeu, lançaram apenas mais uma pázada de terra sobre o seu corpo — foram oficiais ou cúmplices desta deprimente cerimónia, aos sete ventos rotulada de «Noite dos Poetas», que se propunha (no dizer do organizador) apresentar, divulgar e servir a obra de alguns poetas indiscutíveis dos últimos trinta anos.

Almada Negreiros, um «monstro sagrado» da Arte, foi o primeiro dos poetas a surgir naquele estrado, ao fundo de uma sala repleta de público, onde se iriam passar estranhíssimas cenas. «Aqui, Cáucaso» — assim se denominava o poema dramático que o autor da «Invenção do Dia Claro» pretendeu ler. Interrompido a certa altura por apupos e insistentes pedidos para se calar, vimo-lo abandonar o estrado, após várias tentativas para se continuar a fazer ouvir, entre abraços e ténues manifestações de solidariedade de artistas ali presentes. Ténues, disse eu. Porque, na verdade, não houve nenhum poeta incluído nesta antologia (e alguns estavam na sala, na linha de fogo, na trincheira comum) que patenteasse de forma vigorosa a sua indignação. E esta podia ser decisiva, o verdadeiro Poema de uma noite gorda, se um deles, um só, levantasse a voz para pedir ao público descontente que se retirasse, para pedir ao organizador que riscasse a leitura da sua poesia de entre aquelas que se seguiriam. Nenhum verdadeiro poeta quer ser apresentado e aplaudido numa sala em que, momentos antes, Almada Negreiros foi pateado.

Que se tratasse de uma minoria de agitadores, disposta a «boicotar» o poema de Almada — como certa Imprensa disse... —

ninguém o acreditará. Nesse caso, a força da maioria e a verídica solidariedade dos poetas tê-la-ia vencido. Ou teremos de pensar que basta uma dezena de pessoas ou mesmo uma centena, entre mil assistentes, para abalarem um artista rebelde e voluntarioso, cheio de prestígio como Almada, submetendo-o — a ele e às centenas de «solidários» — à sua vontade. Se assim é, que tristeza! (Bastaria ali um Fernando Pessoa, um Sá Carneiro, que lhe estendessem a mão de admiradores autênticos, para imporem a sua vontade aos descontentes, mesmo no caso de serem dez mil, obrigando-os à retirada!)

Almada Negreiros deixou o estrado. E foi a vez da poesia de António Botto, interpretada pelo actor Paulo Renato. Não sabemos quem escolheu os poemas das «Olimpiadas» que ali foram ouvidos. Sabemos apenas que aqueles poemas estão muito longe de revelar o que há de melhor ou simplesmente bom, na obra do poeta dos «Motivos de Beleza». E o mesmo aconteceu a José Régio, dito por Mariana Rey Monteiro. Se não conhecessemos a obra destes artistas e os seus momentos fundamentais, ficaríamos supondo que se tratavam de poetas meramente talentosos.

Ao referirmos isto, encontramos-nos perante uma das espantosas facetas deste recital: — a da selecção dos poemas que, à excepção dos que foram ditos pelos próprios Poetas e na divulgação de Eugénio de Andrade, parece ter sido feita com a intenção de divulgar não os momentos mais brilhantes de um autor, mas apenas os «satélites» desses momentos, nuns casos, e os mais frouxos, noutros. Este critério tornou-se-nos evidente ao ouvirmos os poemas de José Gomes Ferreira, Vitorino Nemésio e Mário Cesariny: estes, principalmente. Era certamente impossível, por falta de tempo, dar-se uma ideia exacta da grandeza de qualquer daqueles três nomes; a que se deu, porém, nem chegou a ser aproximada. Saíram diminuídos do confronto com alguns

poetas muito menos dotados e sem que esta divulgação acrescentasse alguma coisa aos seus merecidos prestígios. Pelo contrário. Pareceram até poetas limitados, de problemática pouco importante, curto fôlego e reduzidíssimo interesse.

A esta deficiente escolha dos poemas juntou-se a má interpretação que lhes deram Mariana Rey Monteiro e Paulo Renato. Actores profissionais, com uma posição cimeira no nosso teatro, e tidos como artistas cultos, revelaram uma incompreensão gritante dos poetas por eles inter-

CONTINUA NA 7.ª PÁGINA

OS FUNERAIS DA POESIA

(Continuação da 6.ª página)

pretados. A primeira, num poema de António Maria Lisboa, recorreu a um estilo frívolo de ditirambo palaciano (!), depois de ter estropiado o primeiro verso do «Discurso ao Príncipe Epaminondas» de Cesariny (Despede-te das verdades em vez de «Despe-te das verdades»). Que diríamos nós de um pianista que interpretasse Stravinsky, julgando tratar-se de Strauss, ou que se enganasse logo na primeira nota de um Concerto?

Temos a certeza de que aqueles actores, ao darem a sua adesão ao recital, quiseram prestar um serviço à Poesia. Mas apenas a comprometeram, ao mesmo tempo que se comprometiam. Disseram os poemas, em muitos casos, como se os vissem pela primeira vez ou não tivessem tido tempo para estudá-los. E apesar da sua boa-vontade, do seu espírito de colaboração e entusiasmo, tudo isso revela apenas falta de consciência artística e desrespeito pela Poesia. Não se recita em público um só verso de um poeta, sem conhecê-lo profundamente, sem estudá-lo durante meses com afincos e inteligência.

No entanto, se os deslises interpretativos dos dois actores foram graves, verdadeiramente escandalosa e revoltante foi a interpretação dada à poesia de Alexandre O'Neill por um jovem recitador. O poeta de «No Reino da Dinamarca», amargo, sentimental e sarcástico, apareceu metamorfoseado em escritor de jocosas rábulas do Parque Mayer! Nada faltou: o gesticular de um «compère» barato, as entoações «guinchadas», a voz de falso!

No meio deste descalabro, deste verdadeiro atentado à integridade física e moral da poesia, houve contudo alguns instantes de boa altura poética. Queremos referir, sobretudo, a António Gedeão que disse os seus poemas com notável sobriedade. A sua Poesia, que é certamente uma das mais belas, originais e importantes, aparecidas nos últimos anos, acendeu por minutos, no escuríssimo salão das Belas-Artes, o fogo sagrado que devia ter presidido a todo o recital.

Estes instantes e outros não fizeram esquecer de qualquer maneira o que atrás se disse. E seria longa a enumeração de tantos outros aspectos negativos, ligados a Poesias ali apresentadas.

Omitimos propositadamente o nome do organizador deste «ator-doante» espectáculo. É um jovem decerto inexperiente e cheio de boas intenções. Não seremos nós a nomeá-lo a quem não o conheça, pretendendo popupá-lo assim a um vexame doutras promoções. Compreendemos os erros, as imprudências, a leviandade do seu procedimento. Só lhe pedimos que interogue a sua consciência, que oiça a Verdade da-

queles que falam com isenção, que respeite a Poesia. Ao permitir que o recital prosseguisse, depois de Almada Negreiros ter sido ofendido e obrigado a abandonar a sala, ofendeu a Poesia; ao entregar a interpretação de vários poetas a pessoas que os traíram, demonstrando uma preparação deficiente, voltou a ofender a Poesia...

E não continuaremos, por um lado por que nos parece que já dissemos o suficiente, com a consciência de termos defendido a Poesia; por outro, por que é tempo de escolhermos o silêncio; depois daquela noite, a Poesia portuguesa estará de luto por muito tempo.

NOTA: Neste recital, foram apresentados — Almada Negreiros, António Botto, José Régio, José Gomes Ferreira, Edmundo Bettencourt, Armindo Rodrigues, Vitorino Nemésio, António Gedeão, Natércia Freire, Mário Cesariny de Vasconcelos, António Maria Lisboa, Eugénio de Andrade, Alberto de Lacerda, Alexandre O'Neill, David Mourão-Ferreira, Natália Correia, António Ramos Rosa, Manuel de Castro e Herberto Helder.